

DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

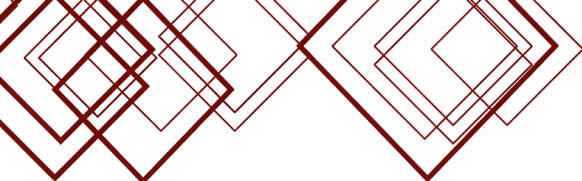
Venezuelanos em Trânsito, Imagens em Conflito: Migração, Resistência e Estéticas Digitais na Era da (I) mobilidade

*Venezuelans in Transit, Images in Conflict: Migration, Resistance, and
Digital Aesthetics in the Age of (Im)mobility*

Suzana Ramos Coutinho¹

Resumo: Este artigo analisa criticamente o papel das imagens produzidas por migrantes venezuelanos residentes no Brasil como dispositivos de resistência estética e política, em especial no contexto das redes sociais digitais, como TikTok e Instagram. A pesquisa parte da hipótese de que tais imagens não constituem meramente representações ou registros visuais da experiência migratória, mas sim práticas enunciativas performativas que reconfiguram regimes de visibilidade marcados por exclusão, racialização e silenciamento. A partir da observação sistemática de postagens públicas realizadas entre fevereiro e maio de 2025, foram identificadas práticas visuais que desestabilizam narrativas hegemônicas sobre a figura do migrante. A análise funda-

1 Pós-doutora em Antropologia Social pela University of Cambridge (2013), Ph.D. em Estudos da Religião pela Lancaster University, Inglaterra (2009), possui mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004) e graduação em Ciências Sociais (licenciatura e bacharelado) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000). É fotógrafa profissional pelo SENAC São Paulo e especialista em Fotografia como Arte Contemporânea pelo SENAC São Paulo. É professora e vice-coordenadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da PUC/São Paulo e professora Assistente Doutor I da Universidade Presbiteriana Mackenzie, atuando como docente no Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da mesma universidade. É editora temática da Revista TRAMA, na seção de História da Cultura. Atuou como avaliadora na Comissão de Avaliação de Pós-Graduação no Avaliação Quadrienal da CAPES (2016-2020) e foi suplente do conselho fiscal da ANPTECRE (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião) em 2023-2024. É sócia-efetiva da ABA (Associação Brasileira de Antropologia), membro da LASA (Latin American Studies Association), membro da ISSR (International Society for the Sociology of Religion) e membro da IVSA (International Visual Sociology Association). É líder do grupo de pesquisa CEMI - Centro de Estudos Interdisciplinares sobre Migração e Imagem. Mãe de duas filhas, esteve em licença maternidade em 2016 e 2020. Tem experiência na área de Antropologia da Religião e Antropologia Visual, com ênfase em Religião, Migração, Fotografia e Gênero, atuando principalmente nos seguintes temas: antropologia visual, fotografia, perspectivas políticas da imagem, religião, migração e diáspora, migração e imagem, migração e gênero, missões e estratégias missionárias, religiões orientais no Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5629-1914>. E-mail: sucoutinho@gmail.com.



menta-se em três eixos interdependentes: a) a dimensão performativa das imagens; b) as estratégias de visibilidade e resistência; e c) as interpelações políticas inscritas nos conteúdos compartilhados. Com base em autores como Azoulay (2011), Mirzoeff (2017), Gago (2018), Rose (2016) e Coutinho & Hida (2024), argumenta-se que essas imagens constituem formas de insurgência visual cotidiana, através das quais os sujeitos migrantes afirmam sua agência e reivindicam novos modos de pertencimento e reconhecimento no espaço público digital.

Palavras – Chave: Migração; Imagens digitais; Resistência

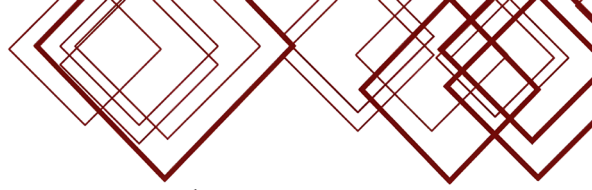
Abstract: This article critically examines the role of images produced by Venezuelan migrants residing in Brazil as devices of aesthetic and political resistance, particularly within the context of digital social networks such as TikTok and Instagram. The research departs from the hypothesis that such images are not merely representations or visual records of the migratory experience, but rather performative enunciative practices that reconfigure regimes of visibility marked by exclusion, racialization, and silencing. Based on a systematic observation of public posts published between February and May 2025, the study identifies visual practices that destabilize hegemonic narratives surrounding the figure of the migrant. The analysis is structured around three interdependent axes: (a) the performative dimension of the images; (b) strategies of visibility and resistance; and (c) political interpellations inscribed in the shared content. Drawing on authors such as Azoulay (2011), Mirzoeff (2017), Gago (2018), Rose (2016), and Coutinho & Hida (2024), it is argued that these images constitute everyday forms of visual insurgency through which migrant subjects assert their agency and claim new modes of belonging and recognition within the digital public sphere.

Keywords: Migration; Digital images; Resistance.

196

INTRODUÇÃO

As migrações atuais têm se estabelecido como uma articulação intrincada entre o deslocamento forçado, as limitações à mobilidade e a crescente utilização de tecnologias digitais, que atuam como mediadoras da vivência migratória. Em períodos caracterizados pelo acirramento de regimes de fronteira, fortalecimento de discursos xenofóbicos e proliferação de políticas segregacionistas, o corpo migrante se torna, ao mesmo tempo, objeto de vigilância e um agente silenciado. Neste contexto, a imagem digital desponta como um domínio de contenda primordial: um ambiente no qual se travam disputas simbólicas, se afir-



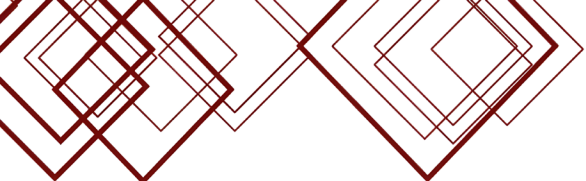
mam identidades e se desestabilizam narrativas hegemônicas.

A denominada “virada digital”, apresentada neste dossiê, diz respeito não somente ao aumento da presença das plataformas sociais na vida cotidiana das populações migrantes, mas também à mudança epistemológica que essa presença provoca. Plataformas como TikTok, Instagram, WhatsApp e Facebook não operam apenas como canais de comunicação entre indivíduos dispersos em diferentes localidades; elas configuram estruturas de visibilidade e intervenção política, por meio das quais vivências de mobilidade e (i) mobilidade são experimentadas, narradas, estetizadas e compartilhadas. Desse modo, a mediação digital das jornadas migratórias não apenas se sobrepõe aos processos transnacionais convencionais, mas também transforma as maneiras de existir e opor-se no mundo.

A partir dessa ótica, este artigo apresenta uma análise acerca da função política das imagens geradas e disseminadas por migrantes em plataformas digitais. Consideram-se essas imagens como mecanismos de resistência, cuja força está na capacidade de alterar as percepções estabelecidas acerca do “outro migrante” — frequentemente reduzido a representações estigmatizantes, desumanizadas e exploradas por narrativas de segurança. Propõe-se, ao contrário, examinar as imagens como manifestações de agência estética e epistêmica, que redimensionam a posição do sujeito migrante na esfera pública digital.

197

A problemática que embasa este artigo pode ser resumida da seguinte forma: como as representações veiculadas por migrantes nas mídias digitais atuam como formas de resistência e intervenções políticas frente aos atuais sistemas de exclusão e silenciamento? Ao analisarmos essa temática, promovemos um intercâmbio com o domínio dos estudos visuais críticos (Azoulay, 2011; Mirzoeff, 2017), da sociologia da



migração (Glick Schiller et al., 1992; Sassen, 2003) e da antropologia digital (Udupa & McDowell, 2019), articulando uma referência interdisciplinar voltada às epistemologias do Sul (Santos, 2019; Lander, 2000).

A investigação empírica foca em representações produzidas por migrantes venezuelanos residentes no Brasil, coletadas em plataformas digitais entre janeiro e maio de 2025. A escolha por esse conjunto baseia-se tanto na relevância geopolítica de suas trajetórias migratórias, quanto na abundância simbólica de suas narrativas visuais, frequentemente associadas a processos de racialização, precarização e resistência. Por meio de uma abordagem qualitativa, que se baseia na observação digital e na análise crítica de imagens, buscamos compreender como se dá a construção visual da própria identidade e da realidade por esses sujeitos.

198

Esta pesquisa também está relacionada a um esforço de reposicionamento metodológico no âmbito dos estudos migratórios, ao integrar a análise de imagens não apenas como mera ilustração ou apoio à narrativa textual, mas sim como uma fonte válida de conhecimento social. Nesse contexto, observamos as discussões recentes que promovem a aplicação de metodologias visuais como estratégias para abordar as desigualdades na produção do conhecimento (Rose, 2016). Em lugar de representar o migrante, deve-se ouvir e observar suas formas individuais de narrar e viver.

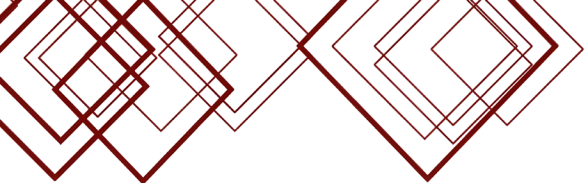
O ponto central de nossa argumentação reside na ideia de que a imagem, enquanto transita por ecossistemas algorítmicos e estruturados por lógicas mercadológicas (Zuboff, 2019), também se configura como um ponto de inflexão a partir do qual surgem formas de resistência. É neste jogo intenso entre vigilância e visibilidade que se con-



figura a política da imagem migrante no Sul Global. Neste artigo, essa reflexão foi desenvolvida a partir de uma introdução ao problema e à proposta analítica; do mapeamento do referencial teórico fundamentado em autores das pesquisas visuais críticas, da antropologia digital e das epistemologias do Sul; da descrição da abordagem metodológica e da discussão visual, com ênfase nas dimensões performativas, nas estratégias de resistência e nas interpelações políticas presentes nas visualidades migrantes. As conclusões destacam a importância da imagem como uma prática que reconfigura os regimes de visibilidade, além de atuar como uma linguagem desafiadora nas narrativas predominantes acerca de mobilidade, pertencimento e reconhecimento.

Perspectivas teóricas

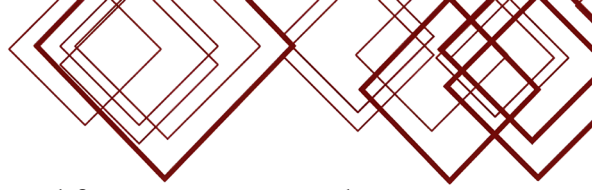
Entender a migração contemporânea, especialmente no contexto do Sul Global, exige uma estrutura teórica capaz de interligar várias dimensões: políticas de (i)mobilidade, dinâmicas transnacionais, sistemas de visibilidade e estratégias de resistência. A literatura tradicional acerca da migração, durante várias décadas, teve a tendência de se basear na dicotomia entre mobilidade voluntária e forçada, frequentemente destacando os movimentos entre o hemisfério Sul e o hemisfério Norte a nível global. Pesquisadoras como Nina Glick Schiller, Linda Basch e Cristina Szanton-Blanc (1992) trouxeram uma mudança significativa ao apresentarem o conceito de transnacionalismo migrante, entendendo a migração não como uma separação entre locais de origem e de destino, mas sim como um processo relacional, sustentado por redes de conexões sociais, econômicas, religiosas e políticas que transpassam fronteiras nacionais. A concepção de transnacionalismo possibilita, assim, reevaluar a atuação dos indivíduos migrantes não apenas como



aqueles que “se deslocam”, mas também como criadores de realidades interligadas.

Entretanto, essa agência não atua em um vácuo. As modalidades de mobilidade contemporâneas são afetadas por hierarquias de poder que estabelecem quem tem autorização para se mover, em quais períodos e sob quais condições (Sassen, 2003). A “mobilidade global” possui traços de seletividade e racialização, sendo regulamentada por normas jurídico-administrativas que favorecem a movimentação de determinados indivíduos, ao mesmo tempo em que limitam a mobilidade de outros. A noção de (i) mobilidade, conforme discutida por Sheller e Urry (2006), se opõe de maneira substancial ao discurso que glorifica a era da mobilidade, uma vez que ressalta que, para um grande contingente de indivíduos, a imobilização se apresenta como uma imposição de natureza política, econômica e racial. No cenário da América Latina, o progresso de políticas conservadoras, o endurecimento das fronteiras e os deslocamentos gerados por crises humanitárias e ambientais, como nos casos da Venezuela e do Haiti, evidenciam a relevância do controle sobre a mobilidade como uma estratégia de governança. Dessa forma, ao tratar do fenômeno migratório sob a perspectiva política, é imprescindível compreender que o ato de deslocamento não diz respeito apenas ao espaço geográfico, mas também à reestruturação de sistemas de pertencimento, visibilidade e legitimidade.

A experiência migratória tem sido marcada por fenômenos de invisibilidade e/ou hipervisibilidade seletiva, muitas vezes afetados por narrativas veiculadas na mídia que retratam o migrante como uma ameaça, uma vítima ou um elemento superabundante. No presente contexto, as análises visuais críticas oferecem ferramentas eficientes para compreender a profundidade simbólica e política das representações visuais associadas à migração. Azoulay (2011), ao expor uma narrativa cí-

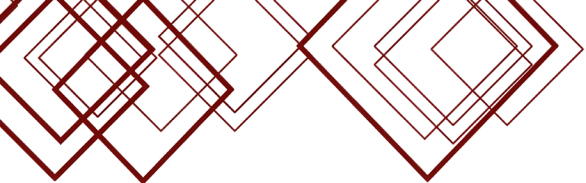


vica da fotografia, nos convida a modificar nossa percepção da imagem, que geralmente consideramos como um objeto de consumo ou uma representação estática, para compreendê-la como parte de um conjunto de interações entre o fotógrafo, o indivíduo fotografado e o público. Tal perspectiva é crucial para a análise das representações elaboradas por migrantes, pois desafia o papel passivo frequentemente conferido a eles nos discursos hegemônicos. A fotografia — ou, de forma mais ampla, a produção de imagens digitais — converte-se, nesse contexto, em um espaço de manifestação política.

Mirzoeff (2017) apresenta o conceito de contra-visão (*countervisuality*) para designar as práticas visuais que desafiam os regimes hegemônicos de visibilidade. Segundo a sua argumentação, o poder contemporâneo se revela através da visualidade — isto é, pela disposição do que é visível e pela maneira como isso deve ser interpretado. A resistência, assim sendo, manifesta-se também no âmbito das imagens, quando coletivos subalternizados criam e disseminam visões que questionam as formas estabelecidas de perceber e relatar o mundo.

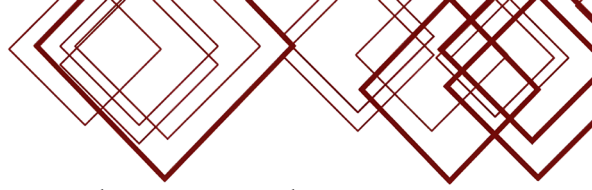
No contexto da migração, tais representações não apenas registram o deslocamento e a fragilidade, mas igualmente manifestam identidades, demandam reconhecimento e convocam expressões de solidariedade. Uma selfie registrada na fronteira, a gravação em vídeo da travessia e a veiculação de insatisfação em relação a um ato de racismo — todas essas manifestações visuais, embora frequentes, colaboram para um processo coletivo de formação de significado e de subjetividade política. Com a expansão das plataformas digitais, a imagem tornou-se um elemento essencial na constituição de sociabilidades, procedimentos comunicativos e manifestações identitárias.

No entanto, essas plataformas não demonstram imparcialidade.



Conforme demonstram Udupa e McDowell (2019), as mídias digitais se estabelecem como espaços de contestação política, nos quais se interconectam emoções, algoritmos, mecanismos de controle e hierarquias de poder. A investigação realizada por Zuboff (2019) nos ajuda a entender que a configuração do capitalismo de vigilância envolve a coleta, o armazenamento e a comercialização das imagens e informações geradas pelos usuários — incluindo os migrantes — muitas vezes sem a anuência de seus respectivos criadores. Esse debate se torna mais acirrado ao incorporarmos as contribuições teóricas da América Latina, que problematizam a colonialidade da percepção e do saber. Ruth Sautu (2003), ao refletir sobre as metodologias qualitativas na América Latina, destaca a importância de abordagens que levem em conta os contextos históricos e culturais distintos, sugerindo que a produção de conhecimento sobre migração deve englobar as experiências e as vozes dos próprios migrantes. Em consonância com essa perspectiva, Georgiou (2008), fundamentando-se no conceito de “potência plebeia”, analisa as formas pelas quais as populações marginalizadas — incluindo os migrantes — resistem, quotidianamente, às práticas neoliberais que visam o controle e a gestão da vida. A produção e a propagação de imagens por migrantes em ambientes digitais podem ser entendidas, nesse panorama, como uma tática estética de resistência, que se afasta das formas convencionais de representação institucional e revela as bases que sustentam a exclusão.

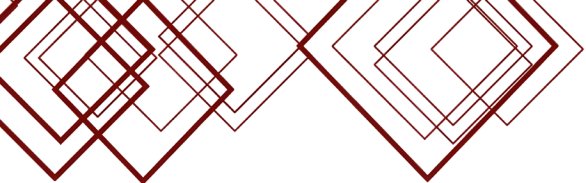
A produção estética de migrantes em meios digitais — caracterizada por performances, ironias e manifestações culturais — deve ser interpretada à luz de análises críticas latino-americanas acerca das visibilidades periféricas e das contendas pela visibilidade. Coutinho (2021) sustenta que a “retórica visual” referente à migração demanda uma descolonização das formas de representação, rompendo com os estereó-



tipos veiculados pela mídia e permitindo a expressão das experiências marginalizadas. Segundo Coutinho, as imagens entrelaçam estética e política ao “desafiar a ordem política estabelecida, revelando o que foi intencionalmente ocultado” — um ato de resistência epistêmica que pressiona os regimes preponderantes de visibilidade. Nesse contexto, a atuação de migrantes haitianos ou venezuelanos nas redes sociais engendra práticas de “contra-regime” visual, uma vez que elaboram imagens que refutam a artificialidade das narrativas hegemônicas e afirmam uma existência complexa, multifacetada e resistente no âmbito da esfera pública digital.

Essa visão é ampliada pela pesquisa de Hida e Coutinho (2024), que investigam as representações visuais da migração venezuelana para o Brasil no âmbito da religião e da mídia. Ao articular essas perspectivas, constata-se que as visualidades periféricas desempenham um papel que vai além do mero reflexo, atuando como espaços dinâmicos de imaginação política. Ao criar e disseminar imagens de danças, orações ou atividades diárias, migrantes se posicionam contra os regimes de visibilidade que os limitam a estigmas ou a crises humanitárias. Eles rejeitam a passividade da vitimização e afirmam-se como protagonistas de sua própria narrativa visual — um ato de autonomia epistêmica que ecoa as propostas das epistemologias do Sul e da justiça visual.

A imagem, afastando-se de uma mera representação da realidade, exerce a função de mediadora de emoções, memórias e conflitos simbólicos. No âmbito da migração, as imagens digitais operam não apenas como arquivos, mas também como instrumentos que possibilitam a afirmação de identidade em um cenário marcadamente dividido, repleto de dor e em busca de validação. Assim, ao enfatizarmos as contribuições latino-americanas, reafirmamos a necessidade de uma teoria crítica da imagem e da mobilidade que não reproduza os paradigmas



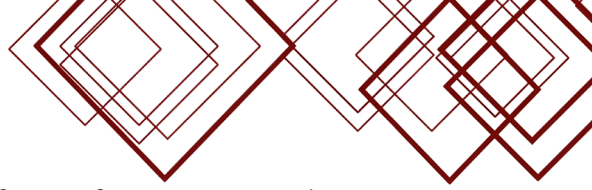
eurocêntricos, mas que se baseie na experiência concreta dos corpos em movimento no Hemisfério Sul.

É essencial entender a dualidade das plataformas: de um lado, elas disponibilizam oportunidades para o exercício da autonomia e da contestação; de outro, podem intensificar sistemas de monitoramento, estigmatização e censura. A avaliação crítica das imagens geradas por migrantes nas redes sociais deve, assim, considerar não apenas seu conteúdo, mas também as formas de difusão, os públicos que as recebem e os filtros algorítmicos que influenciam sua visibilidade. Sob essa ótica, a “virada digital” não deve restringir-se à incorporação de novas tecnologias, mas sim promover uma metamorfose nas maneiras de narrar, investigar e apreender a experiência migratória. Isso abarca o reconhecimento da primazia da imagem enquanto linguagem política, bem como a adoção de metodologias que considerem os conhecimentos e formas de expressão dos indivíduos migrantes.

204

A Imagem como Dispositivo de Resistência

A imagem presente neste contexto não é vista apenas como uma mera ilustração ou um recurso comunicativo, mas sim como um elemento essencial na constituição da subjetividade e na reorganização dos regimes de visibilidade que sustentam a experiência do migrante. A escolha metodológica baseou-se na abordagem proposta por Rose (2016), que indica que a análise crítica de imagens deve ser entendida como uma prática contextualizada, afetada por fatores vinculados ao poder, à autoria e ao ambiente de circulação. Partimos da premissa de que as imagens englobam diversas camadas de significados que vão além de sua aparência estética, não se limitando a servir como um mero elemento ilustrativo ou um suporte visual da vivência migratória, mas



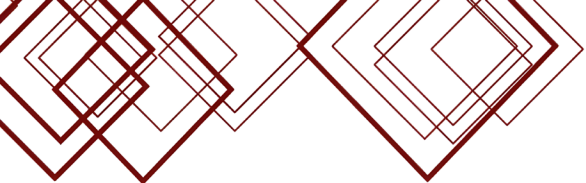
configurando-se como um artefato performativo capaz de constituir e transformar subjetividades, identidades e relações de poder. Baseando-se nas considerações de Coutinho (2021), em particular na proposta de “narrativas visuais migrantes”, este artigo tem como proposta uma análise crítica contextualizada de práticas visuais disseminadas por migrantes em plataformas digitais, com foco no TikTok e no Instagram.

De acordo com Coutinho e Santos (2022), a criação e a difusão de imagens pelos migrantes devem ser entendidas não somente como um registro ou representação de uma vivência, mas como uma prática política e existencial, impregnada de significados que transcendem um olhar meramente estético. A escolha do corpus foi fundamentada na análise de publicações públicas de perfis reconhecidos como pertencentes a migrantes venezuelanos que residem no Brasil, com ênfase particular em jovens adultos. A pesquisa foi conduzida entre fevereiro e maio de 2025, com ênfase em hashtags como #venezuelanstiktok, #venezuelanosnobrasil, #imigrante, #refugiados, dentre outras.

205

A investigação das imagens foi realizada com base em três eixos interligados: a) dimensões performativas das imagens (gestos, cenários, figurinos, legendas); b) estratégias de visibilidade e resistência (utilização de hashtags, confrontos simbólicos, códigos culturais); e c) interações políticas (mensagens diretas ou sutis direcionadas ao Estado, à sociedade receptora ou à comunidade transnacional). Esses eixos foram motivados pelas fundamentações teóricas discutidas anteriormente, como os conceitos de “imagem insurgente” (Azoulay, 2011), “contra-visão” (Mirzoeff, 2017) e “cosmopolitismo plebeu” (Georgiou, 2008).

É imprescindível destacar que, no contexto das migrações atuais, caracterizadas por deslocamentos forçados, racismo estrutural e políticas de criminalização da mobilidade, as imagens geradas por



migrantes nas redes sociais não se apresentam como neutras ou isentas de implicações políticas. Em contrapartida, configuram-se como manifestações de agência e resistência simbólica, que reorganizam os regimes de visibilidade pelos quais esses indivíduos são representados (ou silenciados) nos discursos públicos e na mídia. Considerando os eixos metodológicos propostos, é possível perceber que essas imagens constituem uma estética de resistência, a qual desafia os mecanismos de exclusão e elabora contranarrativas acerca do significado de ser migrante no Brasil.

206

No âmbito das dimensões performáticas das imagens, observa-se uma predominância de publicações que dramatizam, com intensa carga estética e simbólica, o corpo do migrante como um espaço de expressão política. Em gravações compartilhadas no TikTok, que possuem as hashtags #venezuelanosnobrasil ou #imigrante, jovens oriundos da Venezuela aparecem vestidos com trajes formais, executando danças de canções populares brasileiras, ou engajando-se em tendências globais, utilizando legendas como “sou migrante, não sou ameaça”. O contexto urbano periférico, frequentemente observado, não é eliminado, mas assimilado à performance, reforçando a concretude da migração e da vida cotidiana. Com base na concepção de “narrativas visuais migrantes” proposta por Coutinho e Santos (2022), podemos considerar essas performances como manifestações de reinvenção da identidade do migrante: não se limita a uma simples exibição, mas sim à demonstração de agência e domínio sobre a própria visibilidade.

A estética da performance diária se entrelaça com os rituais de afiliação. Diversos vídeos examinados revelam manifestações religiosas, celebrações ou almoços comunitários que, ao serem divulgados, formam um “registro da vida migrante”, que contradiz a concepção do migrante como um indivíduo solitário, deslocado ou em desvantagem.



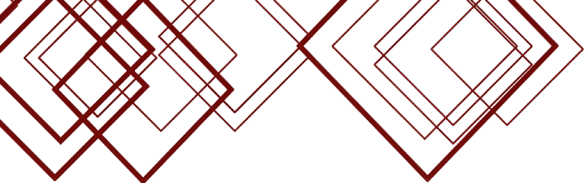
Conforme aponta Rose (2016), a avaliação crítica de imagens deve levar em conta não apenas o conteúdo visual, mas também os contextos sociais e espaciais nos quais são geradas e disseminadas. Esses vídeos geram uma política da intimidade, configurando-se como um meio de resistência.

O segundo eixo, referente às estratégias de visibilidade e resistência, expõe a utilização estratégica das plataformas e de seus códigos algorítmicos pelos migrantes. A apropriação de hashtags específicas, o uso de músicas populares com mensagens de teor político e o domínio em formatos digitais evidenciam um entendimento profundo das diretrizes da visibilidade no ambiente digital. Ao invés de se apresentarem unicamente como “vítimas” do processo migratório, numerosos indivíduos geram representações que desafiam essa categorização e redefinem sua posição no espaço público. Por exemplo, gravações que satirizam estratégias de ação policial ou que apresentam diálogos fictícios com agentes fronteiriços representam modalidades de resistência simbólica que ressignificam a violência institucional enfrentada por esses indivíduos.

207

Neste contexto, é pertinente reexaminar Mirzoeff (2017) e a ideia de “contra-visão”: os migrantes, ao criarem essas imagens, estabelecem novas formas de percepção que não apenas se opõem às visões predominantes, mas também tornam explícito o que anteriormente era ocultado. Refere-se a uma revolta visual que se manifesta em diversas dimensões — estética, afetiva, política — e que contesta os regimes de representação eurocentrados e de segurança. O corpo negro, juvenil e migrante, historicamente vinculado à noção de perigo, ressurgiu neste contexto como agente de inventividade, dignidade e resistência — uma reconfiguração essencial das fronteiras do que é perceptível.

O terceiro e último eixo analítico apresentado neste contexto,



referente às interpelações políticas, revela de que maneira as imagens examinadas se relacionam com estruturas de poder determinadas, ainda que não ocorram de maneira sempre explícita. Diversas publicações não acusam diretamente o Estado ou órgãos migratórios, mas constroem narrativas que evidenciam as consequências de políticas restritivas, do racismo estrutural e das condições precárias enfrentadas. A frase “minha cor não é meu crime”, por exemplo, atua como uma interpelação ao sistema de segurança pública e aos discursos veiculados pela mídia que vinculam racialidade e periculosidade. Simultaneamente, gravações que evidenciam filas em abrigos, obstáculos relacionados ao idioma ou contextos de informalidade nas ocupações ilustram uma crítica à estrutura excludente da sociedade brasileira, sem recorrer a um discurso de vitimização.

208

Tal interpelação também se revela por meio de uma estética do cotidiano. Conforme evidenciam Coutinho e Hida (2024), a resistência não se manifesta apenas por meio de grandes ações ou denúncias explícitas, mas pela persistência dos corpos em existir, mesmo diante da precariedade. Ao compartilhar suas experiências, os migrantes inserem-se em um mapeamento afetivo que contesta as limitações nacionais e discursivas da cidadania. As imagens examinadas, nesse contexto, funcionam como estruturas simbólicas de pertencimento e solidariedade — e não meramente como documentação de deslocamento.

Ao considerarmos essas imagens como instrumentos de resistência, confirmamos sua habilidade não apenas de representar a migração, mas de configurá-la como uma prática performativa e política. Elas realizam uma dupla subversão: desestabilizam os regimes hegemônicos de visibilidade e, ao mesmo tempo, promovem novas formas de estética e sociabilidade. Isso não significa desconsiderar a precariedade ou a vulnerabilidade dos indivíduos migrantes, mas contextualizar sua agência



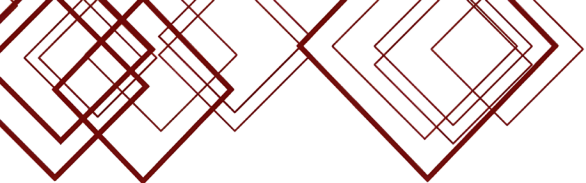
dentro das contradições das plataformas digitais — que, conforme assinala Zuboff (2019), são também áreas de vigilância, coleta de dados e comercialização do afeto. Essas estratégias não apenas interrogam as maneiras de invisibilização e criminalização desses indivíduos, como também estabelecem novas linguagens políticas no âmbito da imagem. Conforme ressalta Ariella Azoulay (2011), a imagem insurgente desafia o regime visual predominante ao gerar alterações nas interações entre o observador, o observado e o que é passível de ser visualizado.

A investigação das imagens geradas por migrantes em plataformas digitais revela que a busca por visibilidade transcende a mera presença no espaço público; trata-se de um confronto direto contra os mecanismos de silenciamento, controle e deslegitimação que permeiam a vivência migratória no Sul Global. Num contexto midiático predominantemente configurado por representações que vinculam a migração à crise, à ameaça ou à necessidade, os migrantes que constroem suas próprias imagens confrontam as formas hegemônicas de percepção e de relato. A imagem, nessas circunstâncias, não se restringe a uma mera representação; ela constitui a criação de presença e a elaboração de um universo. Conforme indicam Coutinho e Hida (2024), as visualidades migrantes constituem estratégias epistemológicas que desafiam a colonialidade da imagem ao transpor os migrantes da condição de objetos a serem representados para a de sujeitos que enunciam, desempenham e reconfiguram seus próprios regimes de visibilidade.

209

Considerações finais

Este artigo procurou refletir criticamente sobre o papel das imagens produzidas por migrantes em redes sociais digitais como dispositivos de resistência política e estética diante dos regimes de exclusão que

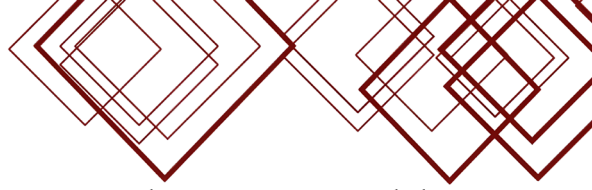


caracterizam o cenário migratório contemporâneo. Partimos da hipótese de que essas imagens não apenas representam experiências migratórias, mas constituem práticas enunciativas que interpelam a ordem visual dominante, produzem contranarrativas e reivindicam novas formas de pertencimento e reconhecimento. Nesse sentido, compreendê-las exige ir além da análise de conteúdo e adentrar os regimes de visibilidade, os circuitos afetivos e os dispositivos de poder que moldam sua produção, circulação e recepção.

210

A centralidade da imagem na experiência migratória atual revela o que autores como Ariella Azoulay (2011) e Nicholas Mirzoeff (2017) definem como uma disputa pelos regimes de visibilidade: quem pode aparecer, como, e com que efeitos. Buscamos demonstrar aqui que as imagens produzidas por jovens migrantes venezuelanos no Brasil e disseminadas por meio de plataformas como TikTok e Instagram constituem formas de insurgência visual cotidiana. Essas práticas visuais não assumem, em geral, o formato de confrontos diretos ou espetaculares, mas se expressam por meio de performances corporais, apropriações de estéticas populares e interpelações discretas, porém potentes. Ao fazê-lo, desestabilizam as formas hegemônicas de representação do sujeito migrante e instauram novas possibilidades de presença e reconhecimento na esfera pública digital.

A proposta de articulação entre estudos da migração, estudos visuais críticos e epistemologias do Sul mostrou-se fecunda para compreender essas práticas visuais não apenas como objetos de análise, mas como enunciados políticos situados. A inserção de contribuições latino-americanas, como as de Suzana Coutinho (2021; 2022; 2024) e Verónica Gago (2018), permitiu deslocar o foco da produção acadêmica hegemônica para perspectivas que valorizam o saber insurgente, os afetos periféricos e as narrativas visuais contra-hegemônicas. Ao fazer



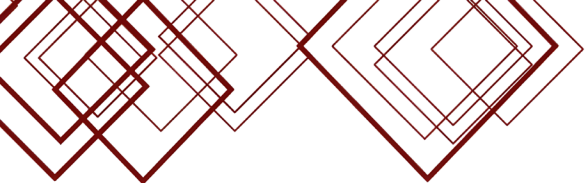
isso, o artigo contribui para a construção de uma crítica visual decolonial, atenta às formas pelas quais sujeitos subalternizados constroem outras formas de ver, dizer e existir no mundo.

Do ponto de vista metodológico, a análise de imagens digitais requer abordagens sensíveis, éticas e comprometidas com o contexto de produção e circulação dos materiais. A escolha por imagens produzidas por migrantes e compartilhadas em espaços públicos ou semifechados, aliada à observação digital e à escuta atenta de coletivos e organizações de apoio, permitiu uma leitura situada, que busca respeitar os sentidos atribuídos pelos próprios sujeitos às suas práticas visuais. Mais do que interpretar, trata-se de escutar o que essas imagens dizem com e por meio dos corpos que as produzem.

As estratégias de visibilidade adotadas nos vídeos analisados (hashtags, trilhas sonoras, filtros, etc) revelam um domínio refinado das lógicas algorítmicas e comunicacionais das plataformas digitais. Nesse cenário, os migrantes não apenas “usam” as redes, mas as dobram a seus próprios interesses e necessidades, transformando-as em arenas de produção de sentido e de disputa política. Ainda que circunscritas por estruturas de vigilância e mercantilização, essas práticas visuais insurgentes escapam aos marcos institucionais da representação, operando por fissuras e brechas que desestabilizam as fronteiras entre o visível e o invisível, entre o legítimo e o marginal.

211

É importante reconhecer os limites e as contradições inerentes a esse campo de análise. As imagens migrantes circulam em ambientes digitais regidos por lógicas capitalistas, onde algoritmos modulam visibilidade e onde a estética da diferença é, muitas vezes, mercantilizada. No entanto, é justamente nesse campo tenso entre vigilância e visibilidade, que os sujeitos migrantes constroem suas resistências. Como demons-

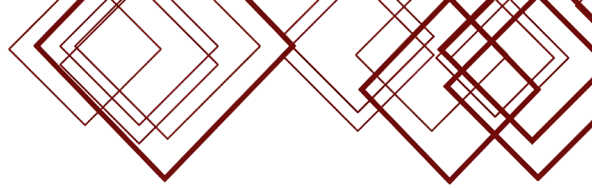


trado por Zuboff (2019), as plataformas digitais são também espaços de captura de dados e de biopoder. Mesmo assim, os migrantes as habitam de maneira estratégica e inventiva, exercendo o que Coutinho (2022) chama de retóricas visuais insurgentes.

Buscamos demonstrar aqui que a imagem migrante, quando produzida a partir da experiência pessoal não apenas reflete o mundo, mas o reconfigura. E é justamente nesse potencial de reconfiguração que reside sua potência de resistência. Reivindicar a centralidade da imagem nos estudos migratórios é, portanto, também um gesto de insurgência epistêmica: é reconhecer que outras formas de saber, de narrar e de existir são possíveis, necessárias e já estão em curso.

Referências bibliográficas

- 212 AZOULAY, Ariella. *The Civil Contract of Photography*. New York: Zone Books, 2011.
- COUTINHO, Suzana Ramos. Migração e imagem: perspectivas teóricas da retórica visual. *Cadernos CERU (USP)*, v. 32, p. 33-45, 2021.
- COUTINHO, Suzana Ramos; SANTOS, Jesner Ezequiel . Migration and Syrian Conflict: The Narrative Behind the Image. *REVISTA VISTA*, v. 9, p. 1-15, 2022.
- COUTINHO, Suzana Ramos; HIDA, Ricardo. Religion and Migration: Visual Representations of Venezuelan Migration in Brazil. *International Journal Of Latin American Religions*, v. 1, p. 1-14, 2024.
- GAGO, Verónica. *A razão neoliberal: economias barrocas e pragmática popular*. São Paulo: Elefante, 2018.
- GLICK SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; SZANTON-BLANC, Cristina. Towards a definition of Transnationalism: Introductory



- remarks and research questions. In: GLICK SCHILLER, Nina (ed). *Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity, and Nationalism Reconsidered* (Annals of the New York Academy of Sciences). New York Academy of Sciences, 1992.
- MIRZOEFF, Nicholas. *The Right to Look: A Counterhistory of Visuality*. Durham: Duke University Press, 2017.
- LANDER, Edgardo. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2000.
- ROSE, Gillian. *Visual Methodologies: An Introduction to Researching with Visual Materials*. London: SAGE Publications, 2016.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- SASSEN, Saskia. 'Globalization or Denationalization?', *Review of International Political Economy*, 10, pp. 1-22, 2003.
- SAUTU, Ruth. *El método biográfico: la reconstrucción del mundo interior de los actores sociales*. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1999.
- SHELLER, Mimi and URRY, John. The New Mobilities Paradigm. *Environment and Planning A*, vol. 38, issue 2, 207-226, 2006.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the Subaltern Speak? In: MORRIS, Rosalind (Ed.). *Can the Subaltern Speak? Reflections on the History of an Idea*. New York: Columbia University Press, 2010. p. 21-78.
- UDUPA, Sahana; McDowell, Stephen. *Media as Politics in South Asia*. London: Routledge, 2019.
- ZUBOFF, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. New York: PublicAffairs, 2019.